

**akra**  
**BARBARiON**  
Sesimbra, cultura e património



# Akra Barbarion

## Ficha Técnica

### Edição

Câmara Municipal de Sesimbra

### Título

Akra Barbarion  
Sesimbra, Cultura e Património

### Colaboraram neste número

José Augusto Oliveira  
João Costa  
Fernanda Olival  
Andreia Conceição  
Luís Ferreira  
Ana Fialho e Fernanda Rodrigues  
João Aldeia e Luís Martins  
João Aldeia  
João Luís Cardoso  
Henriques Rodrigues e Cristina Conceição

### Coordenação Editorial

Divisão de Cultura e Bibliotecas da Câmara Municipal de Sesimbra  
Arquivo Municipal de Sesimbra

### Revisão e Produção Editorial

Divisão de Cultura e Bibliotecas da Câmara Municipal de Sesimbra  
Arquivo Municipal de Sesimbra

### Design

Ana Campos (Direção de Arte, Paginação e Ilustração da Capa)

### Produção

Belgráfica Lda.

### Tiragem

500 exemplares

### Data de Edição

Fevereiro de 2017

### Periodicidade

Anual

### ISSN

### Depósito Legal

### P.V.P

5 €



# O povoado pré-histórico fortificado do Outeiro Redondo, Sesimbra. Breve síntese dos trabalhos até ao presente realizados (2005-2015)

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

## Resumo

Apresenta-se a síntese dos resultados obtidos nas sete campanhas arqueológicas de escavações realizadas no povoado pré-histórico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra) entre 2005 e 2015).

Os resultados das análises de radiocarbono efectuadas permitiram situar a ocupação do sítio entre cerca de 2600 e 2100 cal BC.

No decurso dos cerca de 500 anos de presença humana naquela elevação rochosa, dominando a baía de Sesimbra, construiu-se um poderoso dispositivo defensivo, recorrendo a grandes blocos de calcário duro, disponíveis localmente, o qual envolve a parte mais elevada do morro, possuindo planta elipsoidal. Esta linha murallhada defendia espaço ocupado por diversas estruturas habitacionais, de planta circular ou elipsoidal, às quais, por vezes, se agregavam estruturas de combustão, alguns casos utilizadas para a metalurgia do cobre, actividade económica muito bem documentada no local. A análise conjunta da cronologia absoluta, da sucessão estratigráfica identificada, da tipologia dos espólios arqueológicos recolhidos e da sequência construtiva, integrando tanto estruturas habitacionais como defensivas, permitiu traçar as seguintes correlações:

1.<sup>a</sup> fase cultural – Calcolítico Inicial (2600 - 2460 cal BC) – ténue presença metalúrgica; produções cerâmicas com decoração canelada; ausência de estruturas defensivas; estruturas habitacionais representadas por cabanas de planta subcircular e lareiras estruturadas.

Pequeno hiato na ocupação do local (que poderia não ser total), talvez de uma ou duas dezenas de anos, na sequência de grande incêndio que arrasou a parte mais densamente ocupada do povoado, correspondendo a plataforma situada do seu lado leste.

2.<sup>a</sup> fase cultural – Calcolítico Pleno (2440 – 2110 cal BC) – forte actividade metalúrgica; produções cerâmicas com decorações em “folha de acácia”, “crucífera” e motivos associados; presença de estruturas defensivas correspondente es a uma única fase construtiva; estruturas habitacionais representadas por cabanas de planta elipsoidal e lareiras estruturadas.

**Palavras-chave:** Outeiro Redondo; Calcolítico; povoado fortificado; Estremadura; Portugal

<sup>1</sup> Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (C.M.O.).



## Abstract

In this article a synthesis of the results obtained during the seven archaeological campaigns at Outeiro Redondo (Sesimbra), a chalcolithic fortified settlement, between 2005 and 2015, is presented. Radiocarbon dating identify the settlement's occupation between 2600 and 2100 cal BC.

During the 500 hundred years settlement's occupation of this settlement, located in a rocky hill facing Sesimbra's bay, an important defensive system was built with large limestone blocks, that have been find locally. This wall has an ellipsoidal plan and encompass the hilltop and defended the several huts, with circular and ellipsoidal plans, that sometimes presented also fireplaces, some of them used for copper metallurgy, an economic activity well documented in this settlement.

The combined analysis of the radiocarbon dates, the identified stratigraphy, the typology of the recovered archaeological remains and the sequence of the structures identified (both defensive as habitational type) allowed the identification of two cultural well defined faces:

1st cultural face – Early Chalcolihic (2600 – 2460 cal BC) – characterized by few copper artefacts; channeled decorated ceramics; defensive structures not identified; huts with subcircular plans and structured fireplaces.

2nd cultural face – Full Calcholitic (2440 – 2110 cal BC) – characterized by strong evidence of copper metallurgy; ceramics with “acacia leaf” and “cruciferae” decoration patterns; defensive structures built during an unique construction moment; huts with ellipsoidal plans and structured fireplaces.

**Keywords:** Outeiro Redondo; Chalcolithic; fortified settlement; Estremadura; Portugal

## Introdução

Os conhecimentos adquiridos por via das escavações até agora realizadas sob responsabilidade científica do signatário no povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo, ao abrigo de dois projectos de investigação, o primeiro superiormente aprovado pelo extinto Instituto Português de Arqueologia, o segundo pela Direcção-Geral do Património Cultural, totalizaram, entre 2005 e 2015 sete campanhas anuais de escavações arqueológicas (**Fig. 1**). O estudo dos espólios, das estratigrafias, e das estruturas arqueológicas posta a descoberto somados aos decorrentes do estudo sistemático dos espólios recuperados por Gustavo Marques, que identificou o interesse arqueológico do sítio em 1966 (CARDOSO, 2009), permitiu a aquisição de informação essencial sobre a cronologia absoluta, as fases de ocupação e as fases construtivas identificadas no



povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Este estudo pretende apresentar de forma preliminar as principais conclusões dos trabalhos actualmente em curso, antecedendo a publicação final e sistemática dos resultados obtidos.

### Características geológicas e geomorfológicas

O povoado pré-histórico implanta-se num morro isolado constituído por calcários jurássicos, de grande dureza e coloração branca, designados por “Calcários de Azóia”, os quais afloram no topo da elevação, a qual constitui a terminação de uma linha de relevos de altitudes decrescentes, de orientação geral NE-SW, constituída pelo morro onde se implanta o castelo, seguida do Morro da Forca e, finalmente, do Outeiro Redondo (Fig. 2). Da área culminante, divisa-se para Norte um vasto território, até Almada; para sul, a vista encontra-se limitada pelo anticlinal do Risco, que se divisa ao longe, pelo Morro da Forca, e pelo mar, que abarca largamente a paisagem.

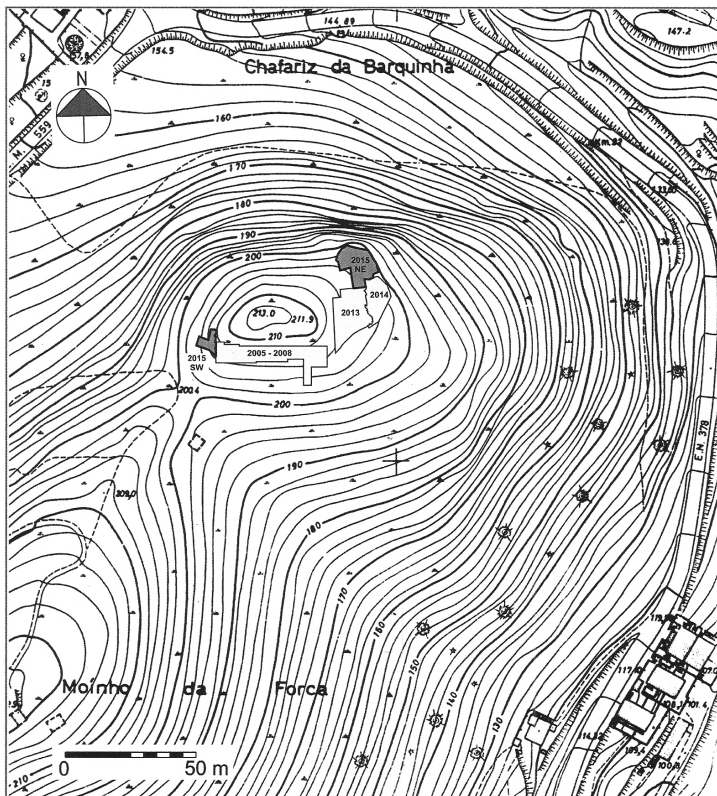


Fig. 1 – Outeiro Redondo. Localização das áreas escavadas entre 2005 e 2015.

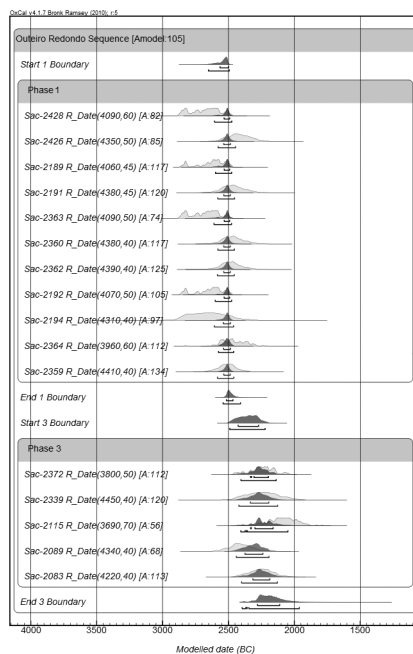




## Cronologia absoluta

Mercê de um programa de investigação conduzido pelo Doutor A. M. Monge Soares, foram datadas até ao presente, no ITN/IST, cerca de 20 amostras, da biosfera marinha (conchas de *Patella* sp., *Pecten maximus*, *Ruditapes decussatus* e de *Cerastoderma edule*) e da biosfera terrestre (fauna mamalógica que constituiu parte integrante da alimentação daquelas populações). As datas convencionais obtidas (**Fig. 3**), depois de discutidas (CARDOSO, SOARES & MARTINS, 2010/2011), conduziram aos seguintes resultados: a soma das distribuições de probabilidade das várias datas calibradas constantes de cada “fase”, permitiram a definição de dois conjuntos principais; o mais antigo, entre 2540-2480 cal BC (1  $\sigma$ ) ou 2610-2460 cal BC (2  $\sigma$ ), correspondente ao final do Calcolítico Inicial; o mais recente, entre 2340-2180 cal BC (1  $\sigma$ ) ou 2440-2110 cal BC (2  $\sigma$ ) para a ocupação do Calcolítico Pleno/Final.

Estes resultados cronométricos foram comparados, no referido trabalho, com os dos restantes sítios habitados do 3.º milénio a.C. da Estremadura, incluindo alguns elementos de grande relevância, entretanto publicados, relativos ao povoado calcolítico fortificado de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) (CARDOSO, SOARES & MARTINS, 2013 [2015]).



**Fig. 3** – Representação gráfica das distribuições de probabilidade das datas de radiocarbono do Outeiro Redondo, para a qual se fez uso das curvas IntCal09 e Marine 09 (REIMER et al., 2009) e do programa OxCal 4.1.3 (BRONK RAMSEY, 2009) efectuadas sobre amostras de biosfera terrestre e da biosfera marinha (seg. CARDOSO, SOARES & MARTINS, 2010/2011).



## Estratigrafia e fases de ocupação

Com base nas observações efectuadas nos diversos cortes estratigráficos realizados entre 2005 e 2015 (Fig. 4), foi possível definir sequência estratigráfica sucessivamente detalhada e pormenorizada, a qual, de cima para baixo pode ser descrita do seguinte modo:

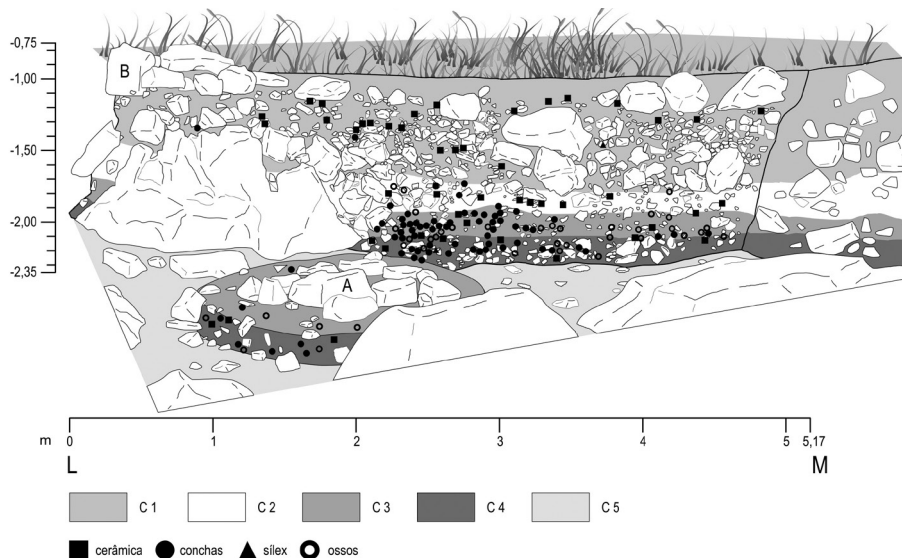


Fig. 4 – Outeiro Redondo. Corte estratigráfico efectuado do lado interno da estrutura arqueada C, correspondente a uma possível barbacã. Foto J. L. Cardoso, desenho de B. Ferreira.  
Em primeiro plano, observa-se lareira de planta circular, definida por blocos calcários de diversas dimensões, também representada no corte pela letra A.



**Camada 1** – terra vegetal castanho-chocolate, pouco compacta, com elementos pedregosos calcários muito abundantes.

Os materiais arqueológicos integram-se em várias épocas do Calcolítico Inicial e do Calcolítico Pleno, incluindo alguns raríssimos fragmentos campaniformes, o que se explica por transporte gravítico das peças, oriundas da zona mais alta da estação (acrópole), actualmente ocupada por afloramento rochoso, e consequente mistura das mesmas. Esta camada atinge a espessura máxima de 0,10 m; sublinhe-se a total exclusividade de materiais pré-históricos, indício de que o local não voltou a ser ocupado ulteriormente, pelo menos de forma susceptível a deixar vestígios. Esta realidade é essencial para a ausência de remeximentos de carácter antrópico, susceptíveis de prejudicarem as interpretações.

**Camada 2** – camada terrosa mais clara e compacta que a anterior devido a uma maior percentagem de argila, com elementos pedregosos dispersos, mais raros e, em geral, de menores dimensões que os anteriores. Contém materiais cerâmicos que, pela tipologia e decoração, são quase exclusivamente reportáveis ao chamado Calcolítico Pleno da Estremadura, desenvolvendo-se entre os 0,10 e os 0,60 m de profundidade;

**Camada 3** – Camada castanho-clara, argilo-margosa, que se desenvolve em geral abaixo dos 0,60 m de profundidade, com pequenos elementos calcários e inúmeras partículas carbonosas dispersas, com materiais cerâmicos dos quais se encontram ausentes as produções do grupo “folha de acácia/crucífera” característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura. Esta camada possui equivalente lateral representado por espesso depósito de cinzas amarelo-acinzentadas, que corresponde a um incêndio generalizado que atingiu a cabana ou cabanas situadas na área escavada em 2014 e em 2015, no prolongamento da área anterior. Trata-se, assim, de depósito correspondente à destruição pelo fogo das estruturas habitacionais implantadas as áreas mais regulares da elevação no decurso da fase final do Calcolítico Inicial. Excepcionalmente, no topo deste depósito, podem ocorrer espólios do Calcolítico Pleno, cuja penetração se explica facilmente pela fraca consistência do mesmo. A potência máxima desta camada é de 0,40 a 0,50 m.

As fundações das estruturas defensivas são feitas invariavelmente nesta camada, ou na parte inferior da camada anterior, inscrevendo-se assim, sem excepção, no Calcolítico Pleno/Final, mesmo em época já avançada desta fase cronológico-cultural.

**Camada 4** – de coloração castanho-avermelhada, com abundantes blocos de pequeno tamanho, possui potência média de 0,20 m, podendo atingir potências da ordem de 0,30 m, relacionadas com o preenchimento de anfractuosidades rochosas existentes no substrato geológico. Resultante em parte da desagregação química e mecânica deste, apresenta-se quase desprovida de espólio arqueológico, sendo este exclusivamente reportável ao Calcolítico Inicial.



Corresponde à primeira ocupação humana do sítio arqueológico, anterior à construção do dispositivo defensivo. Esta camada integra o embasamento das cabanas e estruturas de combustão correspondentes à ocupação arqueológica mais antiga.

**Camada 5** – corresponde ao embasamento rochoso, muito irregular, aflorante aquando da primeira ocupação arqueológica, constituído por calcários brancos e duros do Jurássico (“Calcários de Azóia”) com lapiaz incipiente. As anfractuosidades destes calcários encontram-se pontual e parcialmente preenchidas por depósito areno-argiloso avermelhado, resultante de processo de dissolução dos calcários, ocorrido em época em que tais formações rochosas afloravam.

Assim, as datas mais antigas obtidas para o Outeiro Redondo, correspondentes a materiais recolhidos a profundidades superiores a 1,0 m, na Camada 4, apontam para momentos tardios dentro do Calcolítico Inicial, ou da transição do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno. Isto é, a primeira ocupação do sítio deverá ter ocorrido em meados do 3º milénio a.C. (cerca de 2500 anos a.C.), enquanto que o Calcolítico Pleno/Final, a que corresponde a larga maioria dos materiais recolhidos, acima dos 0,60 m de profundidade, se terá prolongado, neste sítio arqueológico, até cerca de 2100 anos a.C., para intervalos de segurança correspondentes a cerca de 95% de probabilidade.

A tipologia dos espólios arqueológicos, já detalhadamente estudados e publicados no que se refere à primeira fase das escavações, realizada entre 2005 e 2008 (CARDOSO, 2013), foi determinante para o enquadramento da sucessão cultural indicada. Assim, verificou-se que as datas mais antigas, respeitantes aos contextos mais profundos, correspondiam, no quadro das cerâmicas decoradas – o indicador mais fiável para o faseamento cultural do Calcolítico da Estremadura – à presença das conhecidas decorações caneladas, aplicadas essencialmente a taças, embora também ocorram alguns copos, com absoluta ausência dos característicos padrões decorativos em “folha de acácia” e motivos associados. Ao contrário, estes, como a “crucífera” e as decorações obtidas por sulcos largos e profundos, aplicadas a grandes vasos globulares, ocorrem apenas nos contextos menos profundos, acima dos 0,60 m de profundidade. Esta realidade permitiu atribuir os dois conjuntos, com base no registo estratigráfico de muitos outros povoados estremenhos, com destaque para o de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 2007), respectivamente ao Calcolítico Inicial e ao Calcolítico Pleno/Final.



## Estruturas defensivas e habitacionais e respectivo faseamento

### *Estruturas defensivas*

As escavações privilegiaram a identificação e o registo em planta de estruturas defensivas, das quais o elemento dominante é constituído por uma muralha envolvente de todo o alto rochoso (**Fig. 5**). Deste modo, boa parte da área situada no interior desta cintura muralhada não foi considerada de escavação prioritária, exceptuando uma vasta rechã situada do lado nascente do morro, especialmente propícia à ocupação humana (**Fig. 6**).



**Fig. 5** – Outeiro Redondo. Vista parcial da Muralha G, envolvente de todo o povoado. Foto J.L.Cardoso.

No que se refere à muralha perimetral, verifica-se que as suas características variam consoante o relevo do terreno onde se implantou. Assim, no sector oriental do morro, o de maior declive da encosta, esta estrutura é constituída por sucessivos muros justapostos longitudinalmente, com pequena altura acima do solo, à maneira de grandes blocos arrumados dos muros de suporte modernos, constituindo um parapeito pouco acima do solo, e não uma verdadeira muralha (**Fig. 7**). Na verdade, a sua principal função, era, através do seu peso próprio, assegurar a estabilidade do terrapleno situado a um nível superior, onde existiriam estruturas habitacionais. Deste modo, no sector em apreço, não se tratava, pois, de uma muralha na acepção tradicional do termo, mas sim de um maciço de enrocamento, com uma única face, voltada para a encosta.



**Fig. 6** – Outeiro Redondo. Vista parcial da rechã existente do lado nascente da elevação, onde se estabeleceram diversas cabanas do Calcolítico Inicial, uma delas provida de lareira, visível em primeiro plano, sobrepostas por outras estruturas habitacionais do Calcolítico Pleno/Final, assentes em camada terrosa escura, da mesma época. Observe-se no corte as passagens esbranquiçadas correspondentes à formação de um depósito de cinzas resultantes de grande incêndio que atingiu as cabanas do Calcolítico Inicial. Foto J.L.Cardoso.



**Fig. 7** – Outeiro Redondo. Pormenor do lado ocidental da Muralha G, correspondente à sobreposição longitudinal de diversos panos de muralha, formando parapeitos acompanhando o forte declive. Foto J.L.Cardoso.



Pelo contrário, ao longo do sector da muralha voltado para sul, o correspondente declive do terreno é menos acentuado, pelo que aquela foi possível ser construída em altura, pois a sua estabilidade encontrava-se assegurada, seguindo as curvas de nível.

Entre os dois sectores em apreço, a tecnologia construtiva evidencia grandes diferenças, pois distintos eram também os objectivos a atingir. Assim, enquanto que, no sector oriental, se observa simplesmente a colocação de grandes blocos grosseiramente alinhados em paramentos que se iam sucessivamente encostando longitudinalmente uns aos outros, já no sector da muralha voltado a sul a construção respeita a tecnologia usualmente seguida em estruturas homólogas calcolíticas, com a definição prévia dos paramentos externo e interno, através de grandes blocos grosseiramente alinhados, com o enchimento do espaço interior assim definido por blocos menores, engrenados uns nos outros (**Fig. 8**).



*Fig. 8* – Outeiro Redondo. Pormenor da tecnologia construtiva da Muralla G, definida por paramentos de grandes blocos, com enchimento interno de blocos menores, engrenados uns nos outros. Foto J.L.Cardoso.

Em 2015 foi investigada a eventual existência de uma segunda linha defensiva, que, a existir, se desenvolveria em posição frontal e paralelamente à já conhecida, e do lado sul desta, a qual, porém, não se confirmou.

Deste modo, o dispositivo defensivo é constituído por estrutura linear simples, que contornaria o morro, exceptuando talvez o sector voltado a norte, o qual, pelo declive abrupto, não proporcionou a conservação de vestígios da muralha, na

eventualidade desta ter sido ali construída, hipótese que parece pouco provável. É mais aceitável que a defesa daquele sector fosse constituída por abatizes de madeira, dominando o escarpado rochoso que, já de si, constituía a melhor protecção daquele sector do morro.

A simplicidade arquitectónica deste dispositivo é apenas quebrada, do lado sul, pela existência de uma estrutura de planta subcircular, identificada logo na primeira campanha de escavações, realizada em 2005 e avançada em relação à entrada adjacente, existente na muralha, podendo assim desempenhar a função de barbacã (Fig. 9). Outra estrutura que teria a mesma finalidade, embora possuindo características completamente distintas foi identificada em 2015 no sector norte da muralha, sendo constituída por um muro paralelo à muralha e do seu lado interno, definindo desde modo um espaço alongado e vazio, situado entre ambas as estruturas, que poderia desempenhar funções idênticas a um fosso defensivo.



Fig. 9 – Outeiro Redondo. A Estrutura C, correspondente a avanço da Muralha G, funcionando como barbacã. Foto J.L.Cardoso.

Para além destas estruturas associadas à muralha, o acesso ao espaço defendido era assegurado por diversas entradas, com distintas características arquitectónicas. A primeira entrada a ser identificada, corresponde à que se encontrava funcionalmente associada à barbacã avançada acima referida. Mais complexa é uma entrada explorada em 2013, correspondente ao arranjo interno do espaço defendido, o qual foi delimitado, de ambos os lados, por muros rectilíneos, num deles



com prolongamento lateral ortogonal através de dois troços simétricos e rectilíneos. Este arranjo, conferindo monumentalidade a uma entrada cuja excessiva largura reforça aquele carácter, com a conseqüente falta de funcionalidade, foi efectuado já em fase avançada da vida o povoado, já que os referidos muros assentam em camada arqueológica com espólios do Calcolítico Pleno, ao contrário da muralha propriamente dita, fundados directamente no substrato geológico ou em camada residual com espólios do Calcolítico Inicial. Expressão clara desta realidade, é a existência de uma lareira estruturada, fundada em camada subjacente à da fundação daquela entrada monumental (**Fig. 10**). Uma terceira entrada no dispositivo defensivo foi identificada em 2015, voltada para Norte. Trata-se de uma construção longa, com a particularidade de aproveitar, de um dos lados, as bancadas calcárias do afloramento geológico, cuja orientação determinou a da própria entrada, definida também por grandes blocos colocados de um e de outro lado da mesma.



*Fig. 10* – Outeiro Redondo. Vista da entrada monumental, virada a Sudeste, do Calcolítico Pleno, observando-se em primeiro plano uma lareira estruturada do Calcolítico Inicial. Foto J.L.Cardoso.

A cronologia do dispositivo defensivo assim criado, é todo ele integrável no Calcolítico Pleno, ora fundando-se directamente na camada 2, pertencente a essa fase cronológico-cultural, ora na camada 3, reportável ao Calcolítico Pleno; a essa fase pertencem também várias estruturas de carácter doméstico, correspondentes a lareiras estruturadas, de planta sub-circular, idênticas às da fase mais antiga.



A relativa modernidade do dispositivo defensivo, constituído, como outros existentes na Estremadura, por blocos pétreos de grandes dimensões, a que se associam estruturas habitacionais conexas e pelo menos três entradas de características arquitectónicas distintas, é uma observação interessante, visto que, até à escavação de Leceia, se julgar que a generalidade destes dispositivos defensivos da Estremadura teriam entrado em declínio a partir do Calcolítico Pleno, tendo por conseguinte conhecido o seu apogeu antes da primeira metade do 3.º milénio a.C. No entanto, os resultados referidos vêm confirmar as conclusões das escavações do povoado fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), ao apontarem para o prosseguimento das construções defensivas monumentais por toda a segunda metade daquele milénio (CARDOSO, SOARES & MARTINS, 2013 [2015]), bem como no povoado do Zambujal, em que ainda no decurso de quase toda a segunda metade do 3.º milénio a.C. se continuaram a construir importantes estruturas defensivas (KUNST, 1987; KUNST & LÜTZ, 2010/2011).

Com efeito, face aos dados de terreno observados, no respeitante às características de fundação da muralha, ora assente no substrato geológico, que lhe serve de apoio, especialmente nos sectores de mais forte declive, ora na Camada 4, correspondente ao Calcolítico Inicial, ora na Camada 3, ora ainda na Camada 2, pode concluir-se, não apenas que a sua edificação é relativamente moderna na sequência da vida do povoado, mas também que até uma fase avançada do Calcolítico Pleno/Final se construíram estruturas defensivas neste sítio pré-histórico.

### *Estruturas habitacionais*

Uma vez esclarecidas as questões respeitantes à componente defensiva do edificado, não menos importante se afigura a caracterização das evidências de carácter habitacional identificadas.

Apesar de boa parte da área intramuros voltada para Sul ainda não ter sido objecto de escavações, sendo possível que ali se venham a reconhecer interessantes estruturas habitacionais, de planta rectilínea, como indicam os muros até agora identificados do lado interno da muralha, com evidente prolongamento pela área não escavada, é certo que o sector mais propício à ocupação humana na área intramuros já foi integralmente escavado. Trata-se de uma rechã voltada a nascente, com restos de estruturas habitacionais, e importantes testemunhos de actividades do quotidiano, com destaque para a metalurgia do cobre.

A estrutura habitacional mais antiga ali identificada corresponde a cabana de planta subcircular, integrada na Camada 4 da sequência estratigráfica, possuindo lareira estruturada, igualmente de contorno subcircular, constituída por pequenos blocos, assentes no substrato geológico (**Fig. 6**). Associados a esta cabana, recolheram-se escassos fragmentos de cerâmicas caneladas, que não deixam dúvidas quanto à integração cultural da estrutura no Calcolítico Inicial. Como atrás se referiu, esta estrutura, bem como outras que lhe estavam adjacentes, foi completamente



destruída por incêndio, que originou espessa camada de cinzas, equivalente lateral da Camada 3. Tratou-se, por conseguinte de um episódio destruidor que esteve na origem do abandono ao menos desta parte do povoado. Com efeito, caso a reconstrução tivesse sido imediata, seria lícito que este espesso depósito de cinzas tivesse sido removido, o que não aconteceu. De facto, a camada arqueológica que sobre ele assenta integra-se, pelos materiais que embala, muito abundantes, no Calcolítico Pleno/Final, de que se destacam as produções cerâmicas com decorações do grupo “folha de acácia” e “crucífera”, aplicada especialmente a grandes vasos globulares, ditos de provisões. Foi sobre esta camada que se construíram diversas cabanas de plantas elipsoidais, evidenciadas por alinhamentos de pequenos blocos, como se observou em Leceia, nas duas cabanas campaniformes construídas na área extramuros (CARDOSO, 1997/1998), cujas superestruturas eram igualmente de materiais perecíveis. Associadas a estas estruturas, identificaram-se também diversaslareiras de planta subcircular, definidas por alinhamentos de pequenos blocos, Uma delas, explorada em 2015, relaciona-se com metalurgia do cobre, como se conclui pelos pingos e restos de fundição nela recolhidos (**Fig. 11**). A edificação destas cabanas, na área intramuros, corresponde à fortificação do povoado, a qual se justifica dadas as importantes actividades económicas nele desenvolvidas, como a metalurgia.



*Fig. 11* – Outeiro Redondo. Pormenor de uma lareira estruturada, cujo enchimento continha pingos de fundição de cobre, do Calcolítico Pleno/Final. Foto J.L.Cardoso.

Deste modo, pode concluir-se que, ao contrário das estruturas defensivas, as de carácter habitacional revelam a ocupação do sítio em duas fases cronológico-culturais distintas, o final do Calcolítico Inicial da Estremadura, situado no Outeiro Redondo em torno de 2500 a.C. e o Calcolítico Pleno/Final, que se desenvolveu até próximo do final do 3.º milénio a.C., podendo ter existido entre ambas ocupações um período de abandono do povoado, que poderia não ser sido total, isto é, verificado em toda a área habitada.

### Espólios arqueológicos

A valorização exaustiva dos espólios arqueológicos até ao presente recuperados, cujo estudo se encontra já publicado no respeitante às campanhas desenvolvidas entre 2005 e 2008 (CARDOSO, 2014 a) e outra parte em curso de publicação, relativo às campanhas efectuadas em 2013 e 2014 (CARDOSO, 2016) deverá ser completada pela publicação dos espólios recuperados em 2015 e em 2016, antecedendo a publicação de monografia relativa à estação arqueológica. Assim se fundamentarão as considerações sobre comércio das matérias-primas, como as rochas duras, do grupo dos anfibólitos, em que são fabricados a larga maioria dos artefactos de pedra polida (**Fig. 12**), cuja importação alentejana era justificada pelas qualidades de dureza e tenacidade que os caracterizam. Também a presença importante da metalurgia do cobre, que se encontra registada desde os primórdios da ocupação da estação, para se generalizar nas fases mais avançadas do Calcolítico Pleno/Final (**Fig. 13**) carece de discussão, tendo presente que a localização geográfica do povoado, afastado do eixo comercial principal entre o Alentejo e a Estremadura, que passaria mais a oriente, não explica cabalmente a importância de tal presença. Havia, por conseguinte, uma razão económica que tornava o Outeiro Redondo relevante à escala regional, a ponto de nele afluírem matérias-primas importadas de outras regiões, que ali eram transformadas e utilizadas. De mais próximo proviria o sílex, abundante nas bancadas de calcários recifais cretácicos da área de Alcântara e da serra de Monsanto, intensamente minerados naquela época (CHOFFAT, 1889). Tal matéria-prima era transportada sob a forma de blocos ou de núcleos pré-formatados, sendo transformada localmente em diversa utensilagem, para além daquela que era adquirida já manufacturada (**Fig. 14**).

O estatuto social da população calcolítica que ocupou o Outeiro Redondo explica esta realidade. A par de uma intensa actividade metalúrgica, que seria praticada por artífices especializados, avulta também a tecelagem, outra actividade especializada, conforme atesta a abundância de pesos de tear encontrados, contrastando com a escassez destes elementos encontrados em povoados de dimensões e importância muito superiores, como é o caso de Leceia, onde, embora também conhecidos desde o Calcolítico Inicial, são muito escassos (CARDOSO, 2007). Tal realidade sugere que os povoadores do Outeiro Redondo, desde o Calcolítico Inicial



e até ao Calcolítico Pleno/Final, de acordo com a tipologia dos espólios cerâmicos recolhidos, já devidamente valorizados (**Fig. 15**), corresponderiam à elite especializada de uma comunidade cujo grosso da população viveria extramuros. Com efeito, além de se terem encontrado artefactos relacionados com as elites guerreiras, como uma grande folha de punhal ou alabarda de tipologia campaniforme, a fauna de mamíferos indica um contributo essencialmente cinegético, facto que aponta igualmente para uma realidade distinta da usualmente verificada em povoados calcolíticos, como o Zambujal, Torres Vedras (BOESSNECK & DRIESCH, 1976), o Penedo de Lexim, Mafra (DRIESCH & RICHTER, 1976) e Leceia, Oeiras (CARDOSO & DETRY, 2001/2002), entre outros, em que a criação de gado assume papel relevante para a subsistência das respectivas populações. A predominância de fauna caçada foi verificada em contextos campaniformes do Monte da Tumba, correspondentes ao final da ocupação do sítio (ANTUNES, 1987), podendo explicar-se, tal como no Outeiro Redondo, pela presença de um segmento específico da comunidade, precisamente aquele que detinha maior estatuto social. Assim sendo, o prestígio do pequeno conjunto de ocupantes do Outeiro Redondo reflectir-se-ia nas próprias espécies capturadas, dominadas pelo veado e onde também se encontra presente o auroque, animal que pelas grandes dimensões e agressividade, seria uma presa cobiçada.

A questão de conseguir estabelecer evidências concretas para a discussão desta realidade não pode ser desligada da correspondente à ausência quase absoluta de produções cerâmicas campaniformes. Com efeito, situando-se o Outeiro Redondo numa época e região onde tais produções foram de primacial importância, mesmo no contexto europeu, o facto de neste importante sítio, os respectivos habitantes não terem adoptado ao seu quotidiano, tanto profano quanto religioso, tais produções cerâmicas só pode ser explicado pelo facto de, deliberadamente as terem rejeitado, tal como se verificou no Penedo de Lexim, Mafra (SOUSA, 2010).

Isto quer dizer que, ao contrário do que até agora vem sendo afirmado, a génese e afirmação de tais cerâmicas na região respeitou não uma modalidade linear, em que a sua presença se sucederia paulatinamente no tempo, à das produções do grupo “folha de acácia” e “crucífera”, mas várias modalidades, podendo terem sido adoptadas por umas comunidades e não por outras, suas vizinhas, ainda que coevas (CARDOSO, 2014 b), evidenciando grande flexibilidade, quanto aos tempos e modos como foram (ou não) incorporadas na cultura material das populações que, no decurso da segunda metade do 3.º milénio a.C. habitaram a península de Setúbal.



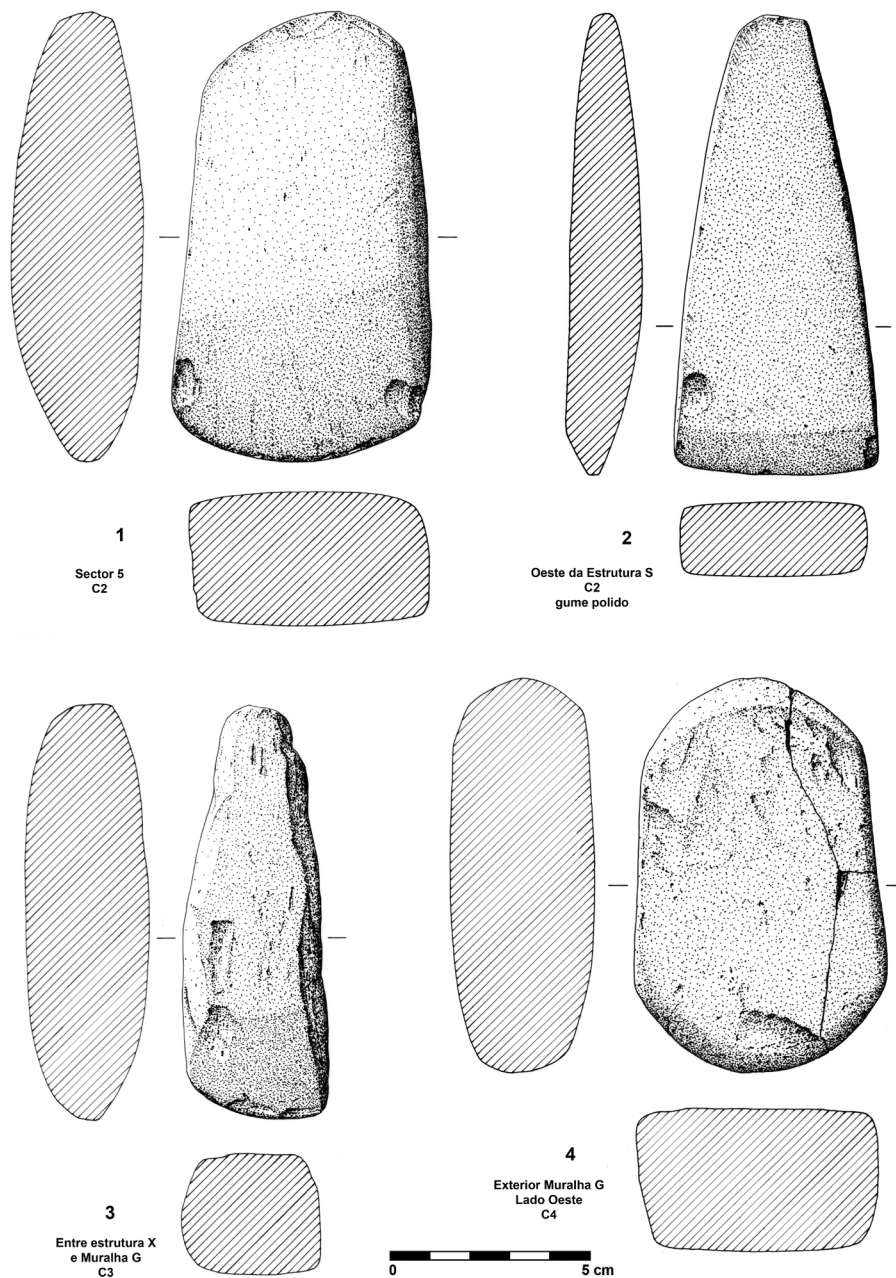


Fig.12 – Outeiro Redondo. Artefactos de pedra polida, do Calcolítico Inicial (C4 e C3) e do Calcolítico Pleno/Final (C2). Desenhos de F. Martins.



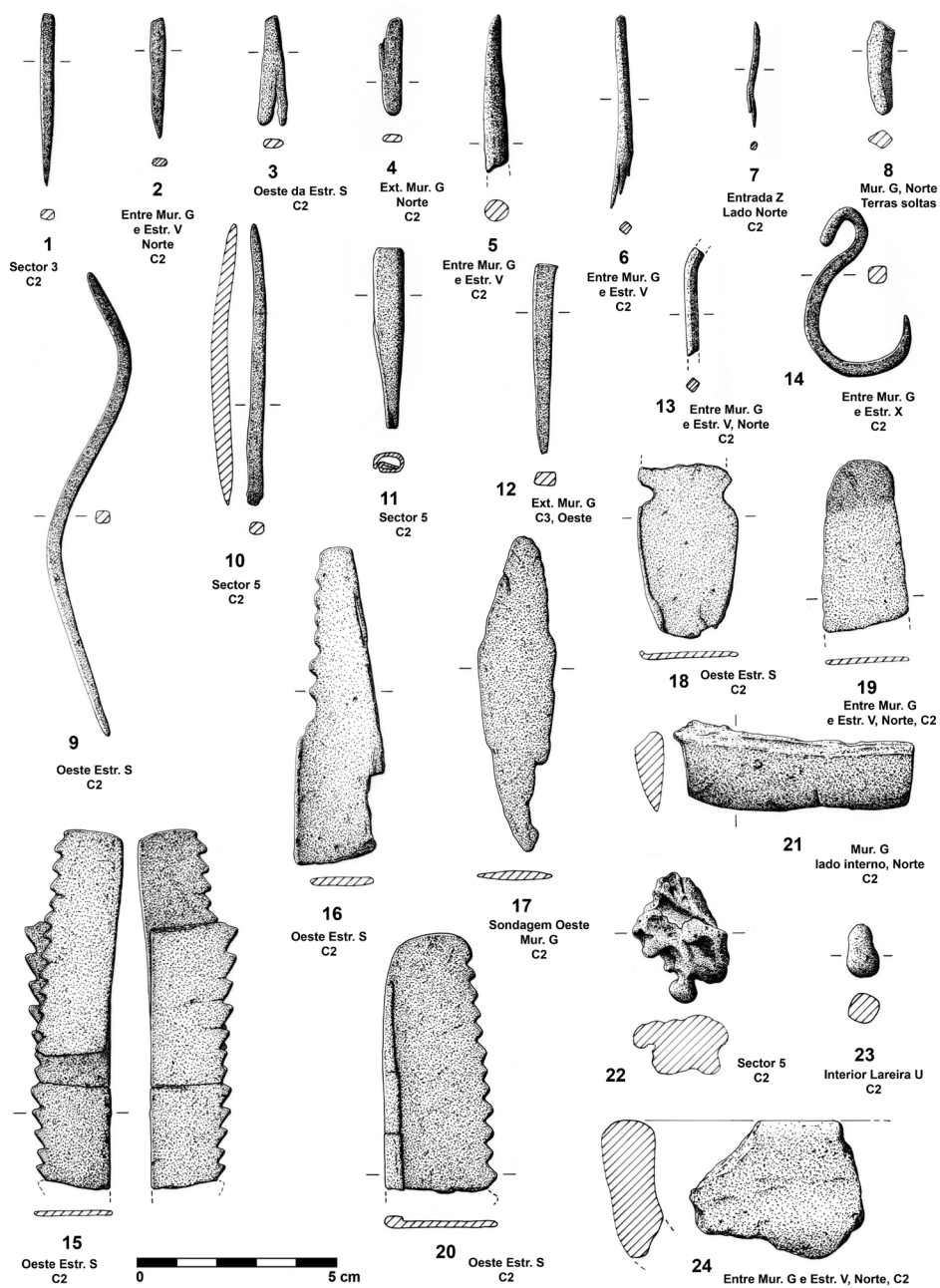


Fig. 13 – Outeiro Redondo. Artefactos de cobre e restos de fundição do cobre, do Calcolítico Inicial (C3) e do Calcolítico Pleno/Final (C2). Desenhos de F. Martins.

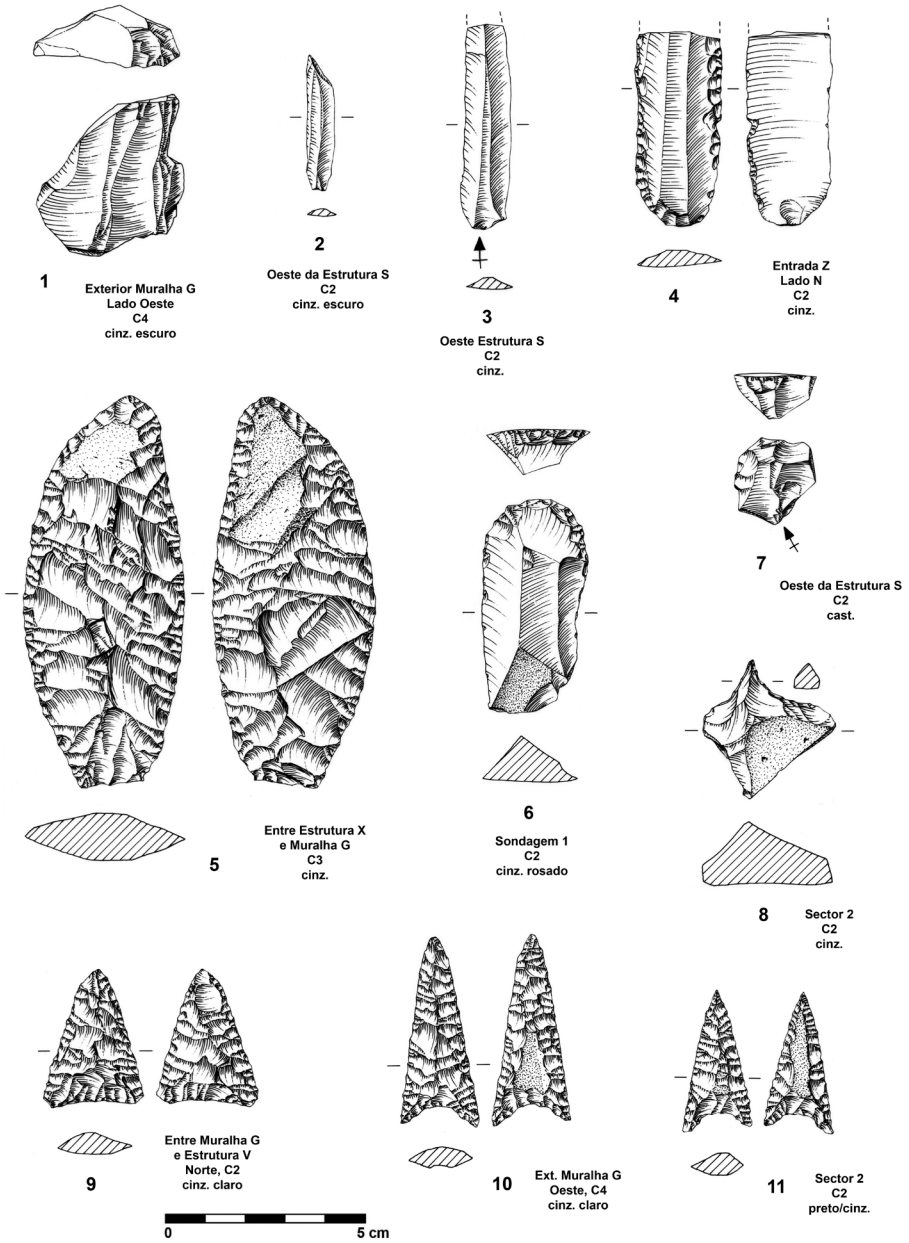
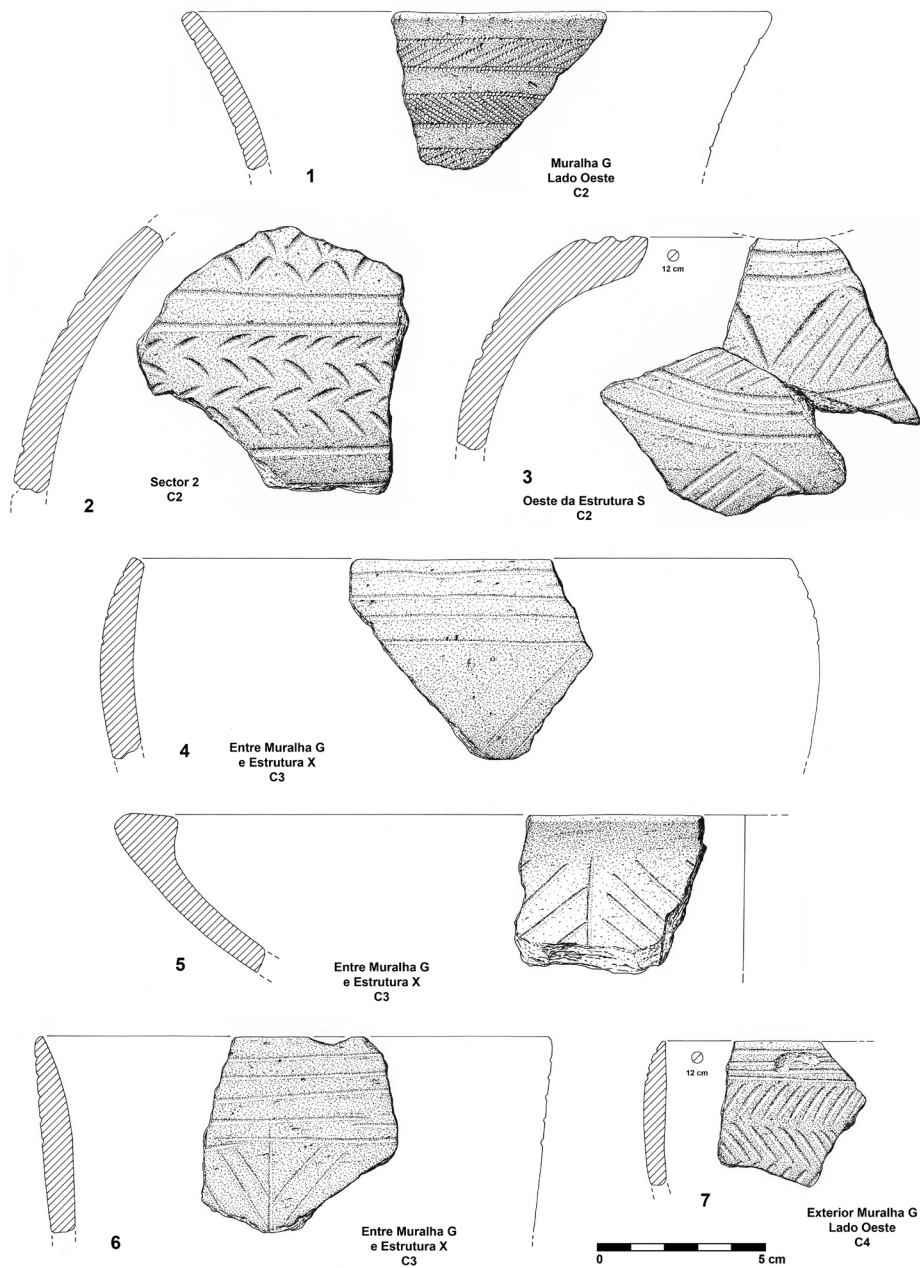


Fig. 14 – Outeiro Redondo. Artefactos de pedra lascada do Calcolítico Inicial (C4 e C3) e do Calcolítico Pleno/Final (C2). Desenhos de F. Martins.





**Fig. 15** – Outeiro Redondo. Cerâmicas decoradas do Calcolítico Inicial (C4 e C3) e do Calcolítico Pleno/Final (C2). Desenhos de F. Martins.



## Agradecimentos

Os trabalhos de escavação iniciados em 2005 no Outeiro Redondo só foram possíveis graças ao apoio de diversas entidades e pessoas, cujo nome importa registar. Assim, o Instituto Português de Arqueologia e a Fundação Calouste Gulbenkian viabilizaram as campanhas realizadas, respectivamente, entre 2005 e 2007, e em 2008, enquanto que as realizadas entre 2013 e 2015 foram apoiadas integralmente pela Câmara Municipal de Sesimbra. Ao Sr. João Pinhal, funcionário desta autarquia, cumpre deixar os agradecimentos devidos pelo seu empenho, dedicação e carinho desde sempre dispensados aos trabalhos arqueológicos efectuados desde 2013.

## Referências

ANTUNES, M. T. (2007) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV – Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 103-144.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.

CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.

CARDOSO, J. L. (2009) – Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do Arq. Gustavo Marques. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (1), p. 73-114.

CARDOSO, J. L. (2013) – O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados da primeira fase de escavações arqueológicas (2005-2008). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 641-730.

CARDOSO, J. L. (2014 a) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 217-294.

CARDOSO, J. L. (2014 b) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1), p. 56-75.

CARDOSO, J. L. (2016) – Resultados da 5.<sup>a</sup> e da 6.<sup>o</sup> campanhas de escavações arqueológicas realizadas no povoado pré-histórico do Outeiro Redondo em 2013 e 2014. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23 (no prelo).

CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 131-182.



CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. Monge & MARTINS, J. M. M. (2010/2011) – Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 553-578.

CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. Monge & MARTINS, J. M. M. (2013 [2015]) – O povoado campaniforme fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa) e a sua cronologia absoluta. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 3, p. 213-254.

DRIESCH, A. V. D. & BOESSNECK, J. (1976) – *Die Fauna vom Castro do Zambujal (Fund-material der Grabungen 1966-1973, mit Ausnahme der Zwingerfunde)*. Institut für Palaeoanatomie, Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin der Universität München. München.

DRIESCH, A. von den & RICHTER, B. (1976) – *Tierknochenfunde aus Penedo de Lexim*. In Driesch, A. v.d. & Boessneck, J., eds., *Studien über frühe Tierknochenfunde non der Iberischen Halbinsel*. München: Institut für Palaeoanatomie, Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin der Universität München, p. 144-157.

KUNST, M. (1987) – *Zambujal. Glockenbecher und Kerblattverzierte keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge Band 5).

KUNST, M. & LÜTZ, N. (2010/2011) – Zambujal (Torres Vedras), investigações até 2007. Parte 1: sobre a precisão da cronologia absoluta decorrente das investigações na quarta linha da fortificação. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 419-466.

